Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

# UMA HISTÓRIA (ATÉ ENTÃO) NÃO CONTADA:
Ateísmo e agnosticismo em Nova Andradina/MS

# A STORY (UNTIL NOW) UNTOLD:
Atheism and agnosticism in Nova Andradina/MS

*RICARDO OLIVEIRA DA SILVA*[1]

*JOÃO VITOR ARANHA*[2]

## RESUMO

O presente artigo é uma síntese do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado no Curso de História da UFMS de Nova Andradina/MS no início de 2022. Com essa pesquisa nós investigamos uma faceta pouco conhecida na história de Nova Andradina/MS: a presença de pessoas ateias e agnósticas. A partir da metodologia da história oral, procuramos analisar como os entrevistados se identificam no campo da descrença religiosa e como isso impacta suas interações sociais em um município que possui uma história entrelaçada com o elemento religioso. O que verificamos mediante essa pesquisa é que existe uma série de dificuldades (familiar, social, laboral) para as pessoas se identificarem publicamente como ateias e agnósticas, resultando na percepção de que o ateísmo e o agnosticismo seriam inexistentes no município.

**Palavras-chave**: Nova Andradina/MS; Ateísmo; Agnosticismo.

## ABSTRACT

The present article synthesizes the undergraduate thesis - TCC defended at the Nova Andradina/MS History Course of the UFMS in early 2022. With this research we investigated a little-known facet in the history of Nova Andradina/MS: the presence of atheists and agnostics in the city. Based on the oral history methodology, we seek to analyze the identification of respondents in the field of religious disbelief and how it impacts social interactions in a municipality that has its history intertwined with the religious element. We verified through this research that there are a series of difficulties (family, social, work) for people to publicly identify themselves as atheists and agnostics in the city, resulting in the perception that atheism and agnosticism would be non-existent in Nova Andradina/MS.

[1] Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013). Docente no Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina (UFMS/CPNA). *E-mail*: ricardorussell@gmail.com

[2] Graduando no curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina (UFMS/CPNA). *E-mail:* jvitoraranha@gmail.com

**Keywords**: Nova Andradina/MS; Atheism; Agnosticism.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os relatos obtidos no ano de 2021 de pessoas residentes em Nova Andradina/MS que se identificavam como ateias e agnósticas. No conjunto de relatos obtidos foi analisado como as pessoas entrevistadas interpretaram o afastamento das instituições e das crenças religiosas, a inserção e interação no município como pessoas que se definem como ateias e agnósticas, e a leitura que fizeram sobre o ativismo ateísta no Brasil e o papel social da religião. Com base em tais informações nós procuramos avaliar como o fenômeno do ateísmo e do agnosticismo era vivenciado e compreendido em um município no interior do Mato Grosso do Sul.

A pesquisa, cujos resultados apresentamos neste artigo, foi amparada em premissas teóricas e metodológicas que vamos expor nesta introdução com intuito de evidenciar os procedimentos científicos da investigação. Em primeiro lugar, gostaríamos de dizer que nosso trabalho se encaixa na história do tempo presente, com o estudo dos fenômenos sociais circunscrito ao recorte temporal contemporâneo. Isso permite ao/a historiador/historiadora produzirem fontes por meio da realização de entrevistas, com registro de narrativas sobre histórias individuais e coletivas (DELGADO; FERREIRA, 2014).

Nas entrevistas, levamos em consideração o papel da memória sobre os relatos obtidos. Segundo Michael Pollak (1992), a memória não é apenas um fenômeno individual e íntimo de cada pessoa – apesar de também o sê-lo –, mas um fenômeno construído socialmente, mutável, flutuante e subjetivo. É constituída por referência a acontecimentos e fatos vividos pelo indivíduo e pela coletividade à qual ele se sente pertencer, assim como pela menção a pessoas e lugares. Inerentemente histórica, a memória de uma pessoa é influenciada pelo contexto histórico e sociopolítico em que está inserida, sendo parte na construção de sua identidade individual ou de grupo (ex: religioso, étnico).

No que se refere ao conceito de identidade, Stuart Hall (2006) afirma que a memória é uma construção histórica, contingente e mutável, formada e transformada

continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Em relação ao ateísmo e agnosticismo, Fernando Mezadri (2019) indica três possibilidades de construção identitária: 1) a construção de uma identidade ateísta no plano individual por meio da relação com o coletivo e com a atividade política secular; 2) o processo de construção da identidade ateísta via transição de uma vida religiosa para uma abertura pública e a interação do indivíduo com terceiros – sendo a religião o padrão das interações sociais devido a sua presença e hegemonia dentro da sociedade; 3) a construção da identidade ateísta como um percurso de transição, mas este ocorrendo via um gradual desapego e ruptura com a fé e a comunidade religiosa a qual se pertence até a declaração de uma identidade não mais pautada em um referencial religioso.

Em termos metodológicos, adotamos em nossa pesquisa o recurso da história oral. De acordo com Verena Alberti (2008), a história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes que consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos sobre conjunturas ou acontecimentos do passado ou do presente que vivenciaram ou testemunharam. A entrevista é uma fonte produzida intencionalmente. A produção dessa fonte dá-se em três etapas, sendo a *preparação de entrevistas* – incluindo o projeto de pesquisa e elaboração de roteiro; a *realização das entrevistas*; e o *tratamento das entrevistas* – momento em que é feito a transcrição e a organização do material.

A história oral foi a metodologia escolhida para nossa pesquisa pela possibilidade que ela oferece para o estudo de "padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissões, religiões [...]" (ALBERTI, 2008, p. 166). Isso nos pareceu de extrema importância levando em consideração a escassez de bibliografia e de fontes sobre a existência de pessoas ateias e agnósticas na cidade de Nova Andradina/MS.

Para a pesquisa foram realizadas sete entrevistas. O critério para a escolha dos interlocutores é que fossem residentes em Nova Andradina/MS e se identificassem como pessoas ateias ou agnósticas. As entrevistas foram feitas de forma virtual via plataforma zoom (a pandemia do coronavírus impediu a entrevista

presencial em 2021) e a partir de eixos temáticos que abordaram assuntos como a construção de uma identidade ateia/agnóstica, as interações sociais em Nova Andradina/MS na condição de indivíduos sem crenças religiosas, e as avaliações sobre o ativismo ateísta e o papel social da religião. Cabe registrar que todos os entrevistados assinaram um documento autorizando o uso de suas informações pessoais.

A partir dessa base teórica e metodológica, buscamos analisar as narrativas de indivíduos que se definiram como ateístas e agnósticos na cidade de Nova Andradina/MS. O artigo foi organizado em três tópicos: apresentação dos conceitos de ateísmo e agnosticismo e a historicidade do fenômeno; o ateísmo em Nova Andradina/MS, por meio de abordagem sobre a formação religiosa de Nova Andradina, assim como os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE sobre o ateísmo na cidade nas últimas décadas, vistos no quadro mais amplo de mudanças no perfil religioso vividas no país e no MS; no tópico final do artigo, apresentamos as entrevistas com pessoas que se identificam como ateístas e agnósticos em Nova Andradina/MS.

## 1. ATEÍSMO: DEFINIÇÃO E HISTÓRIA

O filósofo Julian Baggini (2016) define ateísmo como descrença na existência de Deus ou de deuses, geralmente acompanhada por descrença em quaisquer realidades sobrenaturais ou transcendentais. Já Michael Martin (2010) conceitua ateísmo a partir da sua raiz etimológica grega, em que o "*a*" significa "sem" ou "negação" e "*theos*" significa "deuses". Com isso, destaca dois possíveis sentidos para o ateísmo: o *positivo* – aquele que crê na inexistência de um Deus ou deuses – e o *negativo* – aquele que não possui crença em Deus ou deuses.

O historiador Georges Minois definiu ateísmo por duas categorias: o *ateísmo teórico* e o *ateísmo prático*. A primeira definição diria respeito ao desenvolvimento de sistemas filosóficos e visões de mundo calcadas em uma reflexão intelectual. Já a segunda definição seria referência a um modo de existência que consistiria "em viver sem se interrogar sobre uma eventual divindade, no postulado de um materialismo implícito" (MINOIS, 2014, p. 25).

Ethan Quillen (2015) aborda a definição de ateísmo mediante referência a um campo histórico-lexical, vendo-o como "significante vazio" que deve ser preenchido por aqueles que o usam, ou seja, quando um indivíduo discute sua própria noção de descrença religiosa, ele contribui para o significado comunitário da palavra em seu determinado contexto social.

Em nossa avaliação, a proposta de Quillen enriquece as possibilidades de investigação de uma história do ateísmo. Por exemplo: James Thrower (1982) compreende ateísmo como sistema de crenças ligado ao naturalismo, ou seja, uma forma de entender o mundo natural que adota como referência os próprios elementos do mundo natural e não de um mundo sobrenatural. As origens do naturalismo estariam nos filósofos pré-socráticos da Grécia Antiga.

David Berman (1988) entende que só é possível falar de ateísmo a partir do momento que um sistema de crenças científico e filosófico, de viés racional, se torne o fundamento de construção de uma identidade ateia, o que teria ocorrido no século XVIII com o Iluminismo.

Na exposição sobre ateísmo na história, pensamos ser oportuno fazer menção à palavra *agnosticismo*, muitas vezes citada em pesquisas sobre descrença religiosa e utilizada para demarcar uma posição em relação às crenças religiosas por parte dos entrevistados/entrevistadas em Nova Andradina/MS.

Cunhada pelo naturalista Thomas Huxley (1825-1895), a palavra "agnóstico" faz referência à etimologia grega por meio do uso do prefixo "*a"* como marcador de ausência e o termo "*gnose"* como referência a conhecimento (agnose como ausência de conhecimento). A palavra apareceu na Inglaterra em meados do século XIX inserida nos debates que envolviam naturalistas e religiosos diante da teoria da evolução de Charles Darwin (1809-1882), vista como explicação sobre a origem da vida alternativa à explicação proveniente da Bíblia. Com o termo agnóstico acentuando a dúvida epistemológica sobre a existência de Deus, Huxley procurou contornar a resistência de religiosos em favor da divulgação das ideias evolucionistas (SILVA, 2020a).

Os fenômenos do secularismo (compreensão da realidade sem interpretação religiosa) e da laicidade (religião como assunto privado ao Estado) ganharam projeção a partir da Idade Moderna. Contribuem para que muitas pessoas, ao redor do mundo,

se afastem de uma compreensão religiosa sobre o Planeta e a existência humana. Tal ocorre ainda que nem todas se declarem ateias em decorrência do estigma que o termo carrega desde a Grécia Antiga, associado à imoralidade, perversão e falta de compromisso com os valores religiosos que sedimentariam a vida social.

Phil Zuckerman (2010) informa, a partir de pesquisas de Norris e Inglehart (2004), que, no início do século XXI, a descrença na existência de Deus atingia, na América do Norte, 22% da população do Canadá e 6% da população dos EUA; na América Latina, 4% da população da Argentina, 2% da do México e 12% da do Uruguai; já na Europa, 39% dos ingleses, 44% dos franceses, 64% dos suecos, 48% dos dinamarqueses, 30% dos russos, 15% dos espanhóis e 6% dos italianos.

Por outro lado, Zuckerman menciona que a pesquisa de Greeley (2003) identificou, no mesmo período, que 41% dos noruegueses, 48% dos franceses e 54% dos tchecos afirmaram não acreditar em Deus, “mas só 10%, 19% e 20% desses inqueridos se identificavam como ateus, respectivamente” (ZUCKERMAN, 2010, p. 66).

Concomitante ao percentual expressivo de pessoas ao redor do mundo que afirmam não acreditar na existência de Deus, surgiu, especialmente na América do Norte e Inglaterra, um ativismo entre pessoas que se definem como ateias. Ricardo Oliveira da Silva (2020b) entende os movimentos ateístas da atualidade como movimentos culturais que incorporam uma pauta política. Regularmente eles se apresentam no espaço público promovendo e defendendo uma identidade ateia pautada na razão e na ciência, fazendo crítica ao preconceito contra pessoas que se definem ateias e defesa do Estado laico em que religião não interfira nas políticas públicas.

Uma das expressões desse ativismo é chamada de *neoateísmo*. Influenciados por obras de cientistas como Sam Harris, Richard Dawkins e Daniel Dennett; por discussões sobre os atentados promovidos por terroristas com leitura fundamentalista do Islã contra os EUA em 2001 e por tentativas de implementar o criacionismo como alternativa ao evolucionismo nas aulas de biologia nas escolas públicas, os grupos neoateístas compreendem religião como fenômeno retrógrado e pernicioso para a sociedade atual, a qual deveria ser guiada pela ciência, particularmente as ciências naturais, e por valores seculares e iluministas (SILVA, 2020b).

## 2. O ATEÍSMO NA HISTÓRIA DE NOVA ANDRADINA/MS

O fenômeno do surgimento de pessoas ateias e agnósticas na história de Nova Andradina/MS insere-se em um quadro mais amplo sobre as mudanças ocorridas no perfil religioso da população brasileira e do Estado do Mato Grosso do Sul desde fim do século XX. Historicamente falando, a formação religiosa do país, a partir do período colonial, ocorreu sob a égide do catolicismo na condição de religião oficial. Ainda que isso não tenha impedido que vicejassem crenças religiosas distintas no interior da sociedade colonial, a Igreja Católica e o Estado português atuaram para que o catolicismo fosse a única opção de crença religiosa acessível ao conjunto da população.

O catolicismo foi mantido como religião oficial do Brasil mesmo após a independência em relação a Portugal em 1822. Essa situação só mudou com a instauração da República em 1889, momento em que foi decretada a separação do Estado em relação à Igreja e instituída a liberdade de culto. Apesar disso, o Catolicismo continuou como religião socialmente hegemônica no país ao longo do século XX. Além disso, “muitos dos descendentes de negros e índios criaram cultos sincréticos, em que o Catolicismo coexiste com crenças e práticas que lhe são estranhas, como candomblé baiano [...] e as pajelanças do norte e nordeste do Brasil” (NEGRÃO, 2008, p. 266).

Contudo, a partir do fim do século XX, transformações no perfil religioso da sociedade brasileira começaram a ser constatadas. Por exemplo: 89% da população se declarou católica no censo do IBGE de 1980. Esse percentual caiu para 83,8% no censo de 1991; 73,8% no censo de 2000; e 64,63% no censo de 2010. Ao mesmo tempo, houve aumento no percentual de evangélicos conforme os dados do censo do IBGE: 6,6% em 1980; 9,1% em 1991; 15,5% em 2000; e 22,16% em 2010. Do mesmo modo, aumentou o grupo identificado como sem-religião, passando de 1,6% da população em 1980 para 4,8% em 1991; 7,3% em 2000; e 8,04% em 2010 (SILVA, 2020b).

Mato Grosso do Sul acompanha a tendência nacional de declínio dos católicos e aumento dos evangélicos e sem-religião. No Censo do IBGE de 2000, o percentual de católicos era de 69,52%, o qual caiu para 59,42% no Censo de 2010. O número de

evangélicos passou de 18,2% para 26,4% entre 2000 e 2010 e o da população que se define como sem-religião cresceu de 7,98% para 9,22%. Na comparação nacional, Mato Grosso do Sul foi o nono Estado com maior percentual de pessoas sem-religião no Censo de 2010. O ranking foi liderado pelo Rio de Janeiro (15,60%) (SANTOS, 2012).

José Eustáquio Diniz Alves (2020) informa que a alteração no perfil religioso da população brasileira ocorre sob o pano de fundo de um conjunto de mudanças no país. Entre elas, o autor destaca o declínio da economia primário-exportadora, com um setor de subsistência e o predomínio de relações informais de trabalho, para uma economia industrial e de serviços, avanços quantitativos na educação, ampliação e diversificação do consumo, avanço da comunicação e da mídia de massa. Uma segunda mudança foi o êxodo rural: a população rural caiu de 63,8% em 1950 para 15,7% em 2010, enquanto a população urbana passou de 36,2% para 84,3% no mesmo período.

Um segundo ponto que gostaríamos de esclarecer em relação aos dados do IBGE que apresentamos diz respeito à categoria “sem-religião”. A pesquisadora Denise dos Santos Rodrigues (2012) frisa que essa categoria não é sinônimo de ateísmo, uma vez que a ampla maioria das pessoas que se identificam como sem-religião afirma ter uma crença religiosa, mas a vivencia de forma individualizada. Apesar disso, o crescimento dos sem-religião na população brasileira pode indicar secularização relativa na sociedade e crise de credibilidade nas instituições religiosas.

Um ponto que é preciso ressaltar na investigação sobre a real dimensão da população ateia e agnóstica no país é que, no Censo do IBGE de 2010, tivemos segmentação na categoria sem-religião. Mediante essa metodologia, os dados do censo foram os seguintes: sem-religião, 7,65% (15,3 milhões de pessoas); ateus, 0,32% (615 mil pessoas); e agnósticos, 0,07% (124,4 mil pessoas). Apesar da mudança, ainda não é seguro dizer que o censo do IBGE traduz com precisão a composição de ateus e agnósticos na sociedade, pois a distribuição depende de informações que o entrevistado deve apresentar espontaneamente – sendo assim, se se declara como sem-religião, o entrevistado deve espontaneamente se colocar em uma categoria específica ou será adicionado na categoria genérica (RODRIGUES, 2012).

Além disso, a manifestação recente de um ativismo ateísta no país [vide criação da *Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos - Atea* em 2008] potencializado pelo uso da internet, pode indicar aumento de pessoas que se identificam como ateias e agnósticas. Na pesquisa sobre o ativismo ateísta no Brasil, R. O. Silva (2020b) notou algumas tendências nos discursos desses grupos: influência do neoateísmo dos EUA e Inglaterra para associar ateísmo com pensamento científico-racional e antagônico ao pensamento religioso, entendido como atrasado; luta contra o preconceito com pessoas ateias; e defesa do Estado laico.

Agora, ao trazer a análise em torno da trajetória do perfil religioso da população e o percentual de ateus e agnósticos para o contexto de Nova Andradina/MS, cidade distante em torno de 300km da capital Campo Grande, julgamos conveniente historicizar esse tópico. Posto isso, informamos que a fundação de Nova Andradina no fim da década de 1950 fez parte de um processo de colonização do Sul do Mato Grosso (desde 1977, Estado do Mato Grosso do Sul), que visou adaptar espaços geográficos às necessidades do capital, além de buscar integrar as elites locais aos projetos nacionais do governo federal idealizados na Era Vargas (1930-1945). É importante notar que, apesar de fazer parte da estratégia do governo federal, essa colonização foi realizada em grande parte por empresas privadas ou por pessoas físicas com dinheiro o suficiente para investir em tal empreitada (ROSA; FERREIRA; ROSA, 2018).

Nova Andradina fez parte do projeto colonizador da empresa Moura Andrade. O dono da empresa, Antônio Joaquim de Moura Andrade (1889-1962), foi um rico pecuarista do estado de São Paulo que, a partir da década de 1930, passou a diversificar seus negócios com a compra de terras para fins de povoamento. Em 1932, fundou a cidade de Andradina no interior de São Paulo. Na década de 1950, comprou terras no sul do Mato Grosso. Algumas das terras compradas já eram habitadas – por colonizadores prévios e populações originárias –, mas parte do projeto de colonização foi "limpar" as terras compradas dos habitantes prévios (SANTOS, 2015).

Nova Andradina tornou-se município por meio da Lei estadual nº 1.189 de 20 de dezembro de 1958. Essa Lei acabou recebendo nova redação em julho de 1959, a qual definiu os limites territoriais da nova cidade.

O município foi idealizado contemplando participação da Igreja Católica. A instituição religiosa foi vista pelos colonizadores como mecanismo moralizador, cumprindo a função de educar uma população na qual o Estado tinha uma tênue presença. Além disso, a Igreja Católica foi pensada como meio de manutenção de poder: enquanto os idealizadores da colonização ocupariam o papel do Estado na instauração da ordem privada, a Igreja ocuparia a posição de legitimação da nova ordem social (SANTOS, 2015).

A Igreja Católica fez-se presente desde a fundação da cidade. De acordo com Rafael Sampaio de Queiróz (2016), a primeira missa na cidade foi celebrada pelo frei Luiz Maria de Tomaz Flores em 1958, a pedido de J. de M. Andrade. Foi também por meio de solicitação deste que a Paróquia de Nova Andradina foi desmembrada da cidade de Bataguassu, no dia 02 de agosto de 1960. Com a autonomia administrativa da paróquia local e a chegada de novos agentes religiosos, a Igreja Católica atuou em diversas atividades, como fundação de escolas, organização de eventos e trabalhos na área de saúde em parceria com a elite local e ditada pelo interesse em moldar a religiosidade da população.

O papel que a Igreja Católica ocupou desde a fundação de Nova Andradina influenciou no perfil religioso hegemonicamente católico dos seus habitantes. Sem descartar possibilidade de que muitos migrantes das primeiras gerações de moradores já fossem católicos, a atuação da Igreja, com o apoio do Poder Público local, colaborou na preponderância do catolicismo entre a população nova-andradinense ao longo das décadas. Isso pode ser verificado por meio dos dados do IBGE. No site do instituto, tivemos acesso a informações dos censos de 1991, 2000 e 2010.

No levantamento (IBGE, 1991), ou seja, trinta anos após a criação do município, a população de Nova Andradina era composta por 29.847 pessoas, das quais os católicos correspondiam a 86,21%; no censo de 2000, estes caíram para 76,39% do total de 35.381 habitantes (IBGE, 2000); por fim, em 2010, com população estimada em 45,585 pessoas, identificou-se nova queda: 70,06% (IBGE, 2010).

No mesmo período que declinou o percentual de católicos na cidade, cresceu o de evangélicos, acompanhando o fenômeno que ocorre no cenário nacional: no censo de 1991, eram 9,51% de evangélicos (IBGE, 1991); no de 2000, esse grupo foi

para 18,44% (IBGE, 2000); e no de 2010, o percentual de evangélicos chegou a 22,08% (IBGE, 2010).

O segmento da população nova-andradinense identificado como “sem-religião” também cresceu nas últimas décadas. Aqui, cabe uma observação: como mostramos em parágrafos anteriores, a cidade de Nova Andradina foi concebida como uma “cidade católica” ou, pelo menos, “cidade onde o catolicismo seria privilegiado” por meio de aval e apoio do Poder Público local. Esse fato já embaraçava o florescimento de outras religiões, fossem evangélicas ou de matriz africana, por exemplo. Além disso, criava dificuldades para quem não tivesse vínculo com instituições religiosas ou literalmente manifestasse não acreditar na existência de Deus.

O projeto colonizador não foi concebido tendo espaço para tais pessoas. Podemos elaborar como hipótese para isso o fato de que esses indivíduos não se encaixavam na lógica colonizadora de união entre poder político e religioso para construir a “civilização” no então sul do estado de Mato Grosso. Ademais, não se pode descartar a possibilidade de censura e discriminação social se alguém falasse não crer em Deus, uma vez que a religião era vista como fonte da moralidade e bons costumes. Nesse caso, é possível que, nos primeiros anos de Nova Andradina, ateus e agnósticos, caso tenham vivido na cidade naquela época, optassem por manter sua descrença em silêncio.

Os dados dos censos do IBGE mostram que um pequeno contingente da população de Nova Andradina se declara sem-religião. No censo de 1991, esse contingente correspondeu a 3,27% da população (IBGE, 1991); no de 2000, a população sem-religião teve pequena oscilação em termos de aumento percentual, totalizando 3,71% (IBGE, 2000); já no censo de 2010, os autodeclarados sem-religião tiveram crescimento percentual um pouco mais expressivo, com a cifra de 5,67%.

Ao segmentar a categoria “sem-religião” em ateus, agnósticos e sem-religião, o censo de 2010 permitiu ver, no universo de 5,67% dos sem-religião, que 0,02% se identificaram ateus/ateias (IBGE, 2010). Ao se verificar esse percentual em termos absolutos, o que encontramos é que, no Censo de 1991, 975 pessoas disseram não ter religião. Em 2000, foram 1314 pessoas. Já em 2010, esse número chegou a 2586 pessoas, sendo 2575 pessoas autodeclaradas como sem-religião e 11 pessoas como ateias - não foi registrado nenhum caso de indivíduo autodeclarado agnóstico.

O que se verifica a partir dos dados é que, ainda que percentualmente baixo, existe parte da população nova-andradinense que não possui identidade religiosa institucional. E essa população cresceu, paulatina, entre 1991 e 2010. Contudo, foi apenas no censo de 2010 que tivemos informação sobre pessoas que se identificam como ateias. O percentual de 0,02% ou, em termos absolutos, 11 pessoas, não necessariamente reflete o número exato da população nova-andradinense que não possuía uma crença religiosa naquele momento.

Como salientamos em páginas anteriores, existem muitos fatores para pessoas incrédulas no sobrenatural não se identificarem como ateias, desde falta de conhecimento sobre ateísmo até estigma social que recai sobre o termo. Por isso, as entrevistas com residentes de Nova Andradina que se definem como ateístas e agnósticos jogam luz sobre uma história pouco conhecida na cidade.

## 3. ATEÍSTAS E AGNÓSTICOS EM NOVA ANDRADINA/MS

Nesse último tópico do artigo focaremos nas histórias de vida de pessoas ateias e agnósticas residentes em Nova Andradina, as quais foram entrevistadas por nós no decorrer de 2021. Os eixos que organizamos os relatos dos entrevistados e entrevistadas foram os seguintes: o percurso que as levaram a se identificarem como ateias e agnósticas; as opiniões sobre ser ateu/ateia e agnóstico/agnóstica na cidade de Nova Andradina; por fim, a avaliação que fazem sobre o ativismo ateísta e suas pautas, como o combate ao preconceito ao ateísmo/agnosticismo e a crítica feita à religião.

I – A identificação com o ateísmo e o agnosticismo

Em relação à identificação como pessoas ateias ou agnósticas, procuramos inicialmente saber das pessoas que foram entrevistadas como elas entendiam e definiam esses termos. Sobre isso, encontramos uma afirmação bastante similar quando pedimos que definissem o que é "*ateísmo*: "falta de crença" foi o denominador comum nas respostas.

Aline Teodoro, 37 anos, disse que era ateia pelo seguinte motivo: "Ah, é porque eu não...eu realmente não tenho crença em algo superior, assim, tipo, alguma coisa além das nossas vidas terrenas, sabe?" (TEODORO, 2021).

Gustavo Sobral dos Santos, 22 anos, respondeu: “[...] eu não tenho nenhuma crença religiosa ou mitológica, nada do tipo” (SANTOS, 2021).

William Gomes, 35 anos, definiu seu ateísmo como “Falta de crença. Eu simplesmente não consigo acreditar... esse lance de fé... de... enfim, não vai. Não tenho como” (GOMES, 2021).

Pablo Diego Barros de Jesus, 36 anos, apresentou o ateísmo como “uma descrença em relação a qualquer tipo de divindade; então eu não tenho essa convicção pessoal de que existem deuses, né? ... assim, regendo o universo” (JESUS, 2021).

Nas entrevistas, duas pessoas definiram-se como agnósticas. Fernanda dos Anjos da Nóbrega, 23 anos, disse: “Eu não necessariamente acredito ou sigo nenhuma religião, mas eu também não falo ‘não, não existe’, entendeu? Pra mim, existe a possibilidade” (NÓBREGA, 2021). Por sua vez, Caique Minini Lima, 28 anos, afirmou:

> Pra mim, é mais irrelevante mesmo, eu não consigo pensar em algo tão superior que pense de uma forma tão humana a ponto de ela ter...como posso dizer? Expectativas humanas, entendeu? […] pra mim, se torna irrelevante eu acreditar que exista ou não um Deus, porque, se ele existir, ele não vai ser...eu não consigo nem pensar em um Deus tão humano como certas religiões pregam, né? (LIMA, 2021).

O segundo ponto que notamos na definição do que seria ateísmo para os entrevistados foi influência diminuta de um referencial científico. Como abordamos anteriormente, a ciência tem sido um elemento importante na cosmovisão de muitas pessoas ateias no início deste século, especialmente em decorrência da projeção de autores do chamado neoateísmo. Mesmo quando mencionada, a ideia da ciência como uma maneira de entendimento do mundo que seja superior à religião não foi enfatizada.

Um exemplo desse ponto pode ser observado na fala de Gomes, um dos poucos entrevistados ateus que fizeram menção ao assunto, sendo que ele possui formação na área de Biologia: “Acredito na ciência, eu acredito na evolução, eu acredito...sei lá, na partícula que caiu na terra e foi dando origem à vida e tal, ao que a gente tem hoje” (GOMES, 2021). Quando muito, ciência foi citada pelo entrevistado como uma maneira melhor de compreender o mundo, mas não necessariamente

como fonte epistemológica única. Aliás, ambas - ciência e religião - são percebidas como epistemologias não conflitantes. Para Sobral S.:

> Eu comecei a entender que a ciência consegue explicar o mundo de uma forma racional; então eu não tenho só uma alternativa religiosa, uma crença religiosa […]. Foi quando eu comecei a entender essas coisas, comparar uma explicação com outra e ver que a ciência faz mais sentido pra mim, né? (SANTOS, 2021).

No que diz respeito a percursos por meio dos quais passaram a se identificar como ateístas e agnósticos, foi possível verificar alguns elementos em comum nos relatos. Um deles foi particularmente importante: a maioria dos entrevistados teve vivência orgânica dentro da Igreja cristã – seja a Igreja Católica ou alguma vertente cristã evangélica. Foi possível notar que muitos entrevistados nunca se encaixaram na comunidade nem se sentiam confortáveis com as ideias religiosas difundidas ali. Com o tempo, afastaram-se não apenas das instituições religiosas, mas também da crença religiosa em si.

Lima, nascido e criado em berço evangélico em Nova Andradina, relata que o sentimento de desconexão o afastou do ambiente religioso e da própria religiosidade:

> Não foi nem por revolta, não saí por revolta da igreja, só vi que não me encaixava, né?, naquele modelo de pensar. Apesar de, de fato, ver coisas que a gente classifica como hipocrisia, né? Não foram esses motivos de fato que me fizeram [afastar da igreja] e, sim, mais uma falta de encaixe no local (LIMA, 2021).

Essa sensação de desajuste em relação ao espaço da instituição religiosa também apareceu em outros relatos. F. A. Nóbrega, por exemplo, nascida e criada na cidade de Nova Andradina, mas em família católica, disse: “Eu já...eu fui de igreja muitos anos, aí... tipo... só que sabe quando você é de uma coisa...eu só ia pra igreja, na verdade, por causa dos meus amigos, [...]” (NÓBREGA, 2021).

Como os relatos evidenciam, apesar de os entrevistados estarem inseridos dentro das instituições religiosas e relações sociais terem sido estabelecidas ali, houve afastamento gradual desses espaços. Alguns igualmente relataram sentimento de incômodo com posicionamentos conservadores e contradições entre o discurso e

a prática de lideranças e indivíduos dentro das comunidades religiosas. Uma das falas de F. A. Nóbrega exemplifica isso:

> […] tinha uma irmã, uma das freiras que acompanhavam a PJ [Pastoral da Juventude] e ela começou a...sei lá, ela começou a cortar umas pessoas da igreja por questão de sexualidade; tinha uma menina que era coordenadora e ela era lésbica […] e ela... tipo... ela detestava essa menina e ela não escondia que detestava essa menina. Era bem pesado na verdade […]. Ela começou a perseguir a guria mesmo […] Então... assim... ela sempre teve essa postura assim e não era só ela, né? Mesmo essas pessoas dentro da igreja que têm essa visão mais "progressista", né? Tipo "Ai" Nossa! A gente aceita todo mundo"; sempre tem uma coisinha aí […] E chegou num ponto em que eu falei "véi, que que eu tô perdendo tempo aqui?" (NÓBREGA, 2021)

A. Teodoro, que, apesar de não ter nascido em Nova Andradina, viveu a maior parte de sua vida no município e se identifica como ateia, fez um relato similar ao de F. A. da Nóbrega: "As pessoas não toleram mesmo... assim... umas coisas contrárias, sabe? E é isso que mais me incomoda na religião, sabe? [...] a católica também tem muito esse pensamento, de discriminação, de preconceito, de homofobia, né?" (TEODORO, 2021).

A crítica mais comum nos relatos que coletamos dirigiu-se a certo perfil de pessoa religiosa e particularmente às instituições religiosas como espaços conservadores e propagadores de preconceitos – o que, em tese, entraria em contradição com a mensagem de amor, inclusão e tolerância das religiões. E aqui é preciso frisar que se trata de depoimentos de pessoas que viveram um período de suas vidas em instituições religiosas predominantemente da cidade de Nova Andradina, o que evidencia ideias e posturas conservadoras de pessoas religiosas dessa cidade.

O que concluímos a partir dos relatos é que a identificação com o ateísmo e o agnosticismo por parte dos entrevistados não nasceu de conhecimento científico e filosófico prévio, mas no cenário de experiências de vida que estes tiveram em ambientes religiosos, onde, com o passar do tempo, começaram a avaliar como marcados por contradições na relação entre discurso e prática religiosos. Contudo, em alguns dos depoimentos, verificou-se que a descrença religiosa foi reforçada com o tempo com ampliação das fontes de conhecimento, como o contato com o saber científico.

II – Os desafios para ateístas e agnósticos em Nova Andradina/MS

No que diz respeito à pessoa assumir uma identidade ateia ou agnóstica em Nova Andradina, os relatos que obtivemos enfatizaram atitude de discrição e de silêncio. A maioria dos entrevistados afirmou silenciar conversas abertas sobre sua visão religiosa ou ateísmo/agnosticismo com outras pessoas para evitar constrangimentos ou represálias. Isso foi mencionado por Lima, o qual, ao ser perguntado se sua escolha (de não dizer que é agnóstico) seria devido a sua personalidade ou um jeito de evitar situações incômodas, afirmou o seguinte:

> "Eu acho que você tocou nos dois pontos certinhos. Eu acho que é uma mistura dos dois, mesmo; eu sou mais reservado; eu não sinto necessidade de ficar falando esse tipo de coisa. E também é um pouco de autopreservação em certos ambientes" (LIMA, 2021).

A. Teodoro fez comentário similar ao de C. Lima sobre o silêncio em relação a sua identidade ateia no município como estratégia de autopreservação. Quando perguntamos sobre o quão abertamente comentava o assunto, ela respondeu o seguinte: "Depende do círculo, assim. [...] E também a cidade aqui, né?... aqui a cidade é pequena, tem muita galera religiosa; então eu prefiro evitar a polêmica, a fadiga... assim... sabe?" (TEODORO, 2021)

Ao ser indagada sobre como era viver como agnóstica em Nova Andradina, F. A. da Nóbrega, acadêmica do curso de História da UFMS/CPNA, afirmou:

> Eu acho Nova Andradina... bem...o Brasil, na real, né? Não tem essa separação de política e religião e tudo mais. Em tudo é assim. Por exemplo, até emprego mesmo. Tem lugares... eu lembro uma vez em que eu estava caçando emprego; minha tia é evangélica, minha tia ia num...tinha um casal de amigos dela que era da igreja que tinha uma loja e eles estavam procurando alguém, mas eles estavam procurando alguém que também fosse evangélico pra trabalhar lá, uma moça evangélica […] Isso acontece aqui ainda, das pessoas separarem você ou te diminuírem por causa disso. Então eu acho que aqui tem muito isso sim (NÓBREGA, 2021).

A preocupação com o impacto que pode causar ao ser conhecido como ateu e procurar emprego na cidade também foi destacada por Sobral S.:

> Eu posso citar, por exemplo, problemas de emprego, sabe? Que eu não costumo citar que sou ateu num emprego, estando em Nova Andradina […] Eu acho que pode ser... pode me prejudicar de alguma forma. Justamente

> por conta desse conservadorismo religioso todo, com certeza acho que pode prejudicar, mas nunca prejudicou porque eu nunca falei abertamente (SANTOS, 2021).

Apesar de os relatos terem ressaltado a discrição por parte dos entrevistados em falar publicamente sobre ser ateu e agnóstico em Nova Andradina, dois deles afirmaram tocar no assunto na cidade: Abmael Rocha Júnior e P. D. B. de Jesus. O primeiro reside em Nova Andradina há 27 anos e é diretor de escola estadual; já o segundo é comandante do Corpo de Bombeiros. Por conta de seus ofícios, ambos são figuras públicas na cidade. A. R. Júnior relatou situações no ambiente de trabalho relacionadas ao fato de ser conhecido como ateu:

> Ah! Eu já tive, assim, professor, por exemplo, que chegou a me perguntar. Falou assim: "É difícil trabalhar com você?". Falei: "Não, é facinho trabalhar comigo". "Ah, mas é porque você é ateu" [...] Então assim...tem, ainda tem algumas pessoas ainda que têm um pé atrás quando falam "Ah, ele é ateu" (ROCHA JÚNIOR, 2021).

Ao ser questionado sobre comentários que costuma receber de pessoas de Nova Andradina pelo fato de expor que é ateu, Pablo Diego Barros de Jesus respondeu:

> [...] sou alvo de muitas críticas pelas pessoas. Talvez, assim, elas poderiam ser muito maiores, mas acabam não sendo tanto pela minha função, que eu sou comandante do corpo de bombeiros militar aqui em Nova Andradina, né? Então algumas pessoas acabam respeitando isso, né? [...] mas muitas pessoas, mesmo assim, acabam colocando comentários preconceituosos, ofensivos mesmo, de ódio, né? ... contra mim [...] (JESUS, 2021).

Barros de Jesus também disse que frequentemente aborda o fato de ser ateu nas redes sociais, o que resulta em inúmeras críticas. Muitas delas são pautadas na ideia de que seria incompatível o comandante do Corpo de Bombeiros, uma instituição que oferece importante serviço público, ser ateu. Nesse ponto, nos parece que subjaz nesse tipo de crítica o entendimento de que uma pessoa ateia não poderia ter comportamento ético e preocupação em relação ao próximo.

Em relação às críticas que habitualmente recebe por dizer que é ateu, Barros de Jesus disse: “Eles têm que respeitar essa minha liberdade, né? Esse meu modo de pensar. E as pessoas têm que amadurecer também. Eu penso assim” (JESUS, 2021).

III – Avaliações sobre ativismo ateísta e religião

As dificuldades existentes entre boa parte dos entrevistados e entrevistadas para falar de sua identidade ateia e agnóstica em Nova Andradina poderiam influir na defesa de um ativismo em prol do combate ao preconceito contra o ateísmo e agnosticismo. No entanto, essa não foi a tônica nos relatos, perceptível pela presença insistente de uma ideia: o ateu militante como uma pessoa chata, proselitista e que não respeita a fé e as crenças alheias. Em relação a isso, A. R. Júnior respondeu:

> Eu brinco muito o seguinte. Eu tenho colegas ateus, meus amigos, e até falo pra eles assim: “Eu não sou testemunha de Jeová ateu, eu não sou testemunha de ateu, que tem que ficar todo dia falando ‘Ah, você tem que ser ateu comigo porque você está errado e eu estou certo’”. Eu não sou testemunha de ateu, não bato na porta de ninguém pra converter pro ateísmo, né? ... nada disso (ROCHA JÚNIOR, 2021).

A falta de respeito pela fé alheia, tida como característica do ateu militante, foi muito criticada pelos entrevistados. É interessante notar que esse comportamento foi constantemente relacionado nas entrevistas à militância e ao ativismo feito por ateístas. Isso apareceu na resposta de Gomes sobre o assunto:

> Porque existem os ateus militantes, né? E eu acho isso uma coisa tão idiota que, na verdade, o ateu militante gosta de criar conflito na maioria das vezes, né? “Ah, você vai pra igreja, não sei o quê”. Eu simplesmente não milito, eu não vou; se me convidar pra ir numa igreja, eu vou tranquilo como se fosse num evento social, mas não chego a militar, não fico expondo [...] (GOMES, 2021).

Contudo, é importante registrar que, apesar da associação entre militância ateísta e proselitismo, a maior parte das pessoas entrevistadas enxergou como positiva a discussão do ativismo ateísta sobre Estado laico e combate ao preconceito contra pessoas sem crenças religiosas. Isso foi observado no relato de Sobral S. que, indagado sobre o ativismo ateu e agnóstico, fez a seguinte declaração:

> Eu acho que é válido, mas eu vejo...assim, principalmente nesses grupos mais antigos ateístas, sempre tem uma problemática que as vezes o pessoal acaba... sei lá... colocando muito nessa discussão, e não sei se eu acho...totalmente válido [...] exagerando na questão antirreligiosa, que eu falo. Porque eu acho que sim, pode existir a religiosidade. Deve e pode existir religiosidade [...] sempre tem que haver respeito, né? (SANTOS, 2021).

A ênfase nos relatos em torno de uma atitude de respeito ao direito de as pessoas terem crenças religiosas nos direcionou à indagação sobre a opinião dos entrevistados em relação ao papel da religião na sociedade. A. Teodoro demonstrou reservas sobre a função da religião na sociedade quando mencionamos que, no ativismo ateísta, é comum a ideia de que a religião prejudica as pessoas:

> É... eu acho que sou de acordo também com isso, com esse pensamento. Porque... sei lá... se você pôr [sic] na cabeça os prós e os contras, eu acho que os contras pesam mais [...] a gente sabe que os grupos religiosos, eles têm os programas de assistência, né? Eles fazem...oferecem apoio e suporte pra muitos grupos marginalizados. Isso realmente acontece, mas a que troco, né? [...] se eles ajudam um grupo que tá passando dificuldades, geralmente é em troca dessas pessoas serem membros da comunidade, né? [...] E aí vem todos esses dogmas, essa moral, todo esse...essas regras de conduta, né? Que eles colocam, enfim, eu acredito que tem mais malefícios que benefícios sim (TEODORO, 2021).

Uma opinião similar ao de A. Teodoro foi dita por F. A. Nóbrega depois de declarar que concorda com a afirmação existente no meio do ativismo ateísta de que a religião é fenômeno que acarreta problemas para a sociedade:

> Enfim, é só mais uma das várias relações de poder que a gente tem sobre o pobre, basicamente. Então eu acho que não deveria existir; só que, ao mesmo tempo, as pessoas têm que ter liberdade de acreditar no que elas quiserem acreditar, né? Então é isso aí (NÓBREGA, 2021).

Gustavo Sobral dos Santos questionou a visão existente no meio ateísta que percebe a religião apenas como fonte de malefícios para a vida das pessoas: "[...] eu acho que essa discussão inserida nesses grupos não é válida; não deveria existir dessa forma. Eu acho que a gente pode, enquanto [sic] ateu, levantar os problemas

que a religiosidade coloca na sociedade, mas não ser totalmente antirreligioso" (SANTOS, 2021).

Quando perguntado sobre a visão antirreligiosa de determinados setores do ativismo ateísta, A. R. Júnior expôs opinião semelhante à de Gustavo Sobral: "Eu não vejo nada de maléfico em nada, eu não consigo ver isso como maléfico. É o que eu acabei de falar: eu não sou contra nenhuma igreja [...] Pode ter sua crença, você fica à vontade, você precisa ser uma pessoa do bem" (ROCHA JÚNIOR, 2021).

Embora os relatos tenham ido na direção da posição de respeito ao direito de as pessoas terem uma crença religiosa, críticas foram feitas às instituições e lideranças religiosas. Por exemplo, ao ser indagado sobre o que pensava em relação ao papel das instituições religiosas na sociedade, Sobral S. nos disse:

> [...] aí já muda um pouco. Quanto às instituições religiosas, geralmente elas são maiores causadoras de problemas [...] aí eu acho mais válido essa discussão contra essas instituições religiosas do que quanto à religiosidade em si (SANTOS, 2021).

A. R. Júnior também manifestou uma postura parecida ao de Sobral S. ao falar sobre a atitude de algumas lideranças religiosas no meio evangélico: "Eles usam a fé alheia pra se enriquecer, pra várias coisas, né? [...] porque eles estão usando da boa-fé das pessoas pra outras coisas, pra enriquecer, pra ganhar status, pra fazer parte de governo, pra ser político e tal, tarará tarará." (ROCHA JÚNIOR, 2021).

A partir dos depoimentos, concluímos que os entrevistados e entrevistadas procuraram se afastar de uma identificação com a maneira que entendem a militância ateísta (intolerante, proselitista), apresentando-se como pessoas que respeitam a fé alheia. Mesmo quando afirmaram achar a militância necessária, como na defesa da laicidade e combate ao preconceito contra ateísmo e agnosticismo, ressalvaram a importância de manter o respeito e a civilidade na discussão com religiosos. Por outro lado, no que se refere ao fenômeno religioso, os relatos apresentaram uma visão mais heterogênea. Ainda assim, a maioria assumiu uma postura moderada, limitando-se a criticar pontualmente determinadas igrejas e lideranças e fazendo questão de reiterar a importância do respeito à liberdade de crença religiosa e de condenação da intolerância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi, a partir da utilização da metodologia da história oral, elaborar um estudo sobre a presença de pessoas ateias e agnósticas na cidade de Nova Andradina/MS no início deste século. Trata-se, reconhecemos, de amostra limitada de entrevistas para termos uma dimensão mais precisa da quantidade e das formas de inserção desse grupo na cidade. Mas um primeiro passo foi dado.

A partir das referências teóricas expostas na primeira parte deste artigo, frisamos uma concepção de identidade como conjunto de referências existenciais que são construídos e reconstruídos historicamente por vários elementos (HALL, 2006). No decorrer das entrevistas realizadas em 2021 em Nova Andradina, notamos que a identificação com o ateísmo e o agnosticismo por parte das pessoas foi algo elaborado no transcorrer da trajetória de vida, de forma gradual, tendo como pano de fundo especialmente aquilo que interpretaram como contradições do meio religioso do qual faziam parte.

Esse processo se aproxima da terceira hipótese exposta por Mezadri (2019) sobre a elaboração de uma identidade ateísta. Ou seja, um gradual desapego e consequente ruptura com a fé e a comunidade religiosa que conduziram, a partir de um determinado momento, à recusa de uma cosmovisão religiosa.

Ainda em termos de construção de uma identidade ateia e agnóstica, os relatos que obtivemos caminharam no sentido de entendê-la como algo concernente ao indivíduo, ligado a uma história particular e à ausência de crenças em divindades e em um mundo sobrenatural. Isso ajuda a explicar o fato de que, ao entenderem que "ser ateísta/agnóstico" é algo pessoal, inexista uma interação social com base nessa referência para criar uma identidade de grupo ou até mesmo um ativismo em Nova Andradina/MS.

A inexistência de uma identidade de grupo ateísta e agnóstica é reforçada pelo contexto no qual os entrevistados e entrevistadas estão inseridos: uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul onde a religião (católica e, mais recentemente, também evangélica) ainda determina, em boa medida, o caráter das interações sociais, como no caso aludido na iniciativa privada onde o contratante de trabalhadores procuram

alguém que comungue de sua fé. Diante disso, notou-se a opção, na maior parte dos entrevistados e entrevistadas, em evitar falar publicamente que é ateu ou agnóstico.

Diante desses fatores, é possível concluir que há tendência à invisibilidade social de pessoas ateias e agnósticas em Nova Andradina. Isso se dá, em parte, pelos relatos de constrangimentos para exposição pública do tema ressaltados nas entrevistas somados aos mecanismos institucionais e sociais. Tais mecanismos, ao longo das décadas, têm procurado preservar a identidade da população do município fundado por Joaquim de Moura Andrada como sendo eminentemente religiosa. Com isso, buscam "apagar" a existência de ateus e agnósticos na cidade.

Ocorre que essa era uma história (até então) não contada.

## RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS

Abmael Rocha Júnior, 49 anos, nasceu em Londrina/PR. Foi entrevistado a distância, em conexão entre Matão/SP (entrevistador) e Nova Andradina/MS (entrevistado) no dia 27 de maio de 2021. Tempo de duração da entrevista: 41 minutos e 14 segundos. Total de páginas transcritas da entrevista: 12.

Aline Franco Teodoro, 37 anos, nasceu no Rio de Janeiro/RJ. Foi entrevistada a distância, em conexão entre Matão/SP (entrevistador) e Nova Andradina/MS (entrevistada) no dia 28 de abril de 2021. Tempo de duração da entrevista: 22 minutos e 44 segundos. Total de páginas transcritas da entrevista: 6.

Caique Minini Lima, 28 anos, nasceu em Nova Andradina/MS. Foi entrevistado a distância em Nova Andradina/MS no dia 29 de outubro de 2021. Tempo de duração da entrevista: 39 minutos. Total de páginas transcritas da entrevista: 11

Fernanda dos Anjos da Nóbrega, 23 anos, nasceu em Nova Andradina/MS. Foi entrevistada a distância em conexão entre Matão/SP (entrevistador) e Nova Andradina (entrevistada) no dia 02 de junho de 2021. Tempo de duração da entrevista: 19 minutos e 58 segundos. Total de páginas transcritas da entrevista: 9.

Gustavo Marcelo Sobral dos Santos, 21 anos, nasceu em Rosana/SP. Foi entrevistado a distância em conexão entre Matão/SP (entrevistador) e Euclides da Cunha Paulista/SP (entrevistado) no dia 13 de agosto de 2021. Tempo de duração da entrevista: 21 minutos e 11 segundos. Total de páginas transcritas da entrevista: 7.

Pablo Diego Barros de Jesus, 36 anos, nasceu em Campo Grande/MS. Foi entrevistado a distância em conexão entre Matão/SP (entrevistador) e Nova Andradina (entrevistado) no dia 19 de maio de 2021. Tempo de duração da entrevista: 37 minutos e 13 segundos. Total de páginas transcritas da entrevista: 10.

William Leandro Gomes, 35 anos, nasceu em São Paulo/SP. Foi entrevistado a distância em conexão entre Matão/SP (entrevistador) e Nova Andradina (entrevistado)

no dia 14 de agosto de 2021. Tempo de duração da entrevista: 20 minutos e 22 segundos. Total de páginas transcritas da entrevista: 7.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.

ALVES, José Eustáquio Diniz. Motivos e consequências da aceleração da transição religiosa no Brasil. **EcoDebate,** 2020. Disponível em: https://www.ecodebate.com.br/2020/01/29/motivos-e-consequencias-da-aceleracao-da-transicao-religiosa-no-brasil-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/. Acesso em: 02/07/2021.

BAGGINI, Julian. **Ateísmo**: uma breve introdução. Porto Alegre: L&PM, 2016.

BERMAN, David. **A history of atheism in Britain: from Hobbes to Russell**. Londres/Nova York: Routledge, 1988.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. Introdução. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História do Tempo Presente.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 07-12.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). SIDRA 1991-2010. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2010. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 fev. 2021.

MARTIN, Michael. Introdução geral. In: MARTIN, Michael; (org.). **Um mundo sem Deus:** Ensaios sobre ateísmo. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 09-16.

MEZADRI, Fernando. **Quem é ateu? Uma compreensão da identidade ateísta.** 346 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

MINOIS, Georges. **História do Ateísmo.** São Paulo: Editora UNESP, 2014.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261 – 279, mai./ago. 2008.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIRÓZ, Rafael Sampaio de. **História e Memória:** Religiosidade e Igreja Católica em Nova Andradina (1958-1976). 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Nova Andradina, 2016.

QUILLEN, Ethan. Discourse Analysis and the definition of atheism. **Science, Religion and Culture**, v. 2, n. 3, p. 25 – 35, junho de 2015.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1130 – 1153, outubro/dezembro de 2012.

ROSA, Jota Junior Marques; FERREIRA, Djane da Silva; ROSA, João Roberto. O fomento da terra prometida no sul de Mato Grosso (1930-1950). **Geo UERJ,** n.32, p. 01-26., fevereiro de 2018.

SANTOS, Aline dos. Censo revela que 9% da população de Mato Grosso do Sul não têm religião. **Campo Grande News**, 02 de julho de 2012. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/cidades/censo-revela-que-9-da-populacao-de-mato-grosso-do-sul-nao-tem-religiao. Acesso em: 06 mar. 2022.

SANTOS, Claudinei Araújo dos. **A região em Análise:** A política e a igreja no processo de colonização de Nova Andradina – MS. 218 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2015.

SILVA, Ricardo Oliveira da. Charles Darwin: ateísmo e evolucionismo no século XIX. **História Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 20, n. 1, p. 53-69, jan./abr. 2020a.

SILVA, Ricardo Oliveira da. **O ateísmo no Brasil:** Os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI. Jundiaí: Paco Editorial, 2020b.

THROWER, James. **Breve história do ateísmo ocidental**. Lisboa: Edições 70, 1982.

ZUCKERMAN, Phil. Ateísmo: número e padrões contemporâneos. *In:* MARTIN, Michael (org.). **Um mundo sem Deus**: Ensaios sobre ateísmo. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 43-58.

**Recebido em 14 julho de 2022.**

**Aprovado para publicação em 9 de setembro de 2022.**